

**DE METRÓPOLE MESTIÇA A CIDADE GLOBAL COSMOPOLITA:
SÃO PAULO NO SÉCULO XXI¹**

João Pedro Silveira Martins

Graduado em Relações Internacionais pela PUC Minas e Mestrando em Sociologia na
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
jipemartins@gmail.com

¹ Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo.

De metrópole mestiça a Cidade Global Cosmopolita: paradigmas e políticas em São Paulo no século XXI

O período em que vivemos não é mais o tempo de especulação sobre a Globalização, mas sim de análise de suas primeiras consequências para o universo social. A multiplicidade de novos atores no sistema internacional, as novas formas de interação e relacionamento e a nova escala dos processos transnacionais já demonstraram sua força nas últimas décadas. Hoje é importante compreender como o estabelecimento desta nova ordem mundial - multifacetada e profundamente líquida – modificam a vida dos homens e mulheres do planeta, sobretudo dos imigrantes nas grandes cidades.

Neste contexto, a cidade surge como um importante ator nas Relações Internacionais que possui uma característica interessante: a reflexividade. A cidade é o lócus e o agente. É o local onde se estabelecem as principais relações do universo globalizado (a cadeia produtiva, a infraestrutura de tecnologia, o capital humano, os maiores investimentos financeiros) e também é um ator devido ao poder político que ganha com a descentralização do poder estatal (criando redes de cidades, agindo por meio de figuras políticas importantes, sediando eventos, influenciando decisões políticas, agindo na cooperação e criando novos paradigmas que influenciam a ordem global).

Nos últimos anos, as cidades que conseguiram sua mais rápida inserção como ator político na Globalização compreenderam este desafio e começaram um processo rápido de construção de novos paradigmas urbanos. A cidade passa a necessitar de um novo projeto que abandone as antigas concepções de produção industrial e comecem a articular maiores forças no cenário político descentralizado e à abertura de capital. Para criar este ambiente, se tornou muito necessário abrir os olhos para a própria diversidade urbana: apenas uma cidade diversa e aberta ao mundo seria capaz de dar um passo à frente para modernizar-se, atingindo diretamente a vida das estrangeiras e estrangeiros que chegam às grandes metrópoles todos os dias como refugiados, imigrantes, expatriados ou viajantes.

Nesse contexto, surge a ideia de Cidade Global, largamente discutida nas Ciências Sociais desde o início dos anos 1990, com a grande contribuição de Sassen (1991). O paradigma da Cidade Global, no entanto, não parece ter sido suficiente no decorrer da década e nos anos 2000 surge um conceito pouco definido e muito discutido e debatido no cenário político e acadêmico, mesmo que não seja explicitamente, que é o do Cosmopolitismo Urbano. Este paradigma é de extrema importância para a modernização das cidades, mas ainda possui poucos estudos práticos que demonstrem sua principal importância.

A ideia de Cosmopolitismo Urbano nasce do imaginário do cosmopolita, cidadão global, aquele que está disposto a expandir suas fronteiras culturais ao relacionar-se com o outro. Pode-se entender conceito como o desejo e compromisso com este “outro”, mas também uma inclinação estética e/ou intelectual para diversidade, numa busca para novas experiências e recusa de vivenciar homogeneidades.

É ter o pensamento voltado para o global, estando aberto a novas influências culturais impensadas anteriormente e o desejo de igualdade sem preconceitos na humanidade. O Cosmopolitismo contemporâneo distancia-se de seu projeto original na medida que se transforma numa alternativa a crises da Modernidade em relação à diversidade, transformando-a num produto. O cosmopolitismo é “socialmente produzido” por uma necessidade econômica para conviver na contemporaneidade com alta mobilidade e influencia largamente nos paradigmas urbanos para a imigração.

Este trabalho, portanto, apresentou os principais momentos da discussão da Sociologia das Relações Internacionais para o urbano como lócus e ator do internacional, e no final debaterá duas formas de concepção do Cosmopolitismo Urbano: o primeiro como paradigma urbano da Produção do Espaço, como apresentado por Harvey (2012) e o segundo, dialogando o Direito à Cidade (HARVEY, 2012) com o Cosmopolitismo Subalterno (SOUSA SANTOS, 2010), uma forma de resistência da sociedade civil para o reconhecimento de suas lutas, necessidades e desejos do dia-a-dia.

Ao final, foi feito um breve estudo empírico sobre a cidade de São Paulo que nos últimos anos deixa de ser apenas uma megalópole mestiça para transformar-se numa Cidade Global Cosmopolita por meio de diversos projetos de abertura de capital, internacionalização, destruição de antigos paradigmas e grandes investidas na produção de novos espaços e imaginários que a requalifiquem para seus próprios habitantes e para a comunidade internacional.

Neste último contexto, a influência das Jornadas de Junho de 2013 parece ter sido um divisor de águas: a consciência sobre a cidade e o Direito à Cidade explode no Brasil e divide a sociedade civil em dois diferentes projetos de país. São Paulo, o epicentro do início das manifestações, elege Fernando Haddad como prefeito e ele inicia seus projetos de habitação, diversidade e melhoria de gestão urbana em meio a tempos turbulentos no cenário político. Dessa forma, suas principais políticas para a diversidade na gestão de Haddad e ressignificação dos imaginários urbanos que remetem ao cosmopolitismo serão apresentados e, após, a apresentação do perfil de quatro imigrantes que vivem em São Paulo.

As conclusões confirmaram que São Paulo é uma cidade cosmopolita sem sombras de dúvida. A afirmação do cosmopolitismo paulistano se dá desde sua constituição inicial a partir do

povoamento de imigrantes de todas as partes do mundo. Embora não possa afirmar-se que haja o conceito de cosmopolitismo, desde o início a cidade pode ser considerada um ambiente cosmopolita em relação à diversidade de representação nacional quantitativamente em seu território. Atualmente, pode-se reafirmar este cosmopolitismo a partir da diversidade da população atual e da expressão de grupos de diversas nacionalidades que conseguiram estabelecer comunidades em seu espaço urbano.

A defesa deste cosmopolitismo, no entanto, é um caso à parte. Há uma série de dificuldades enfrentadas pela formulação de políticas de apoio ao imigrante na cidade, assim como as políticas de criação de um imaginário (por meio de discursos e ferramentas de semiótica) que possam criar a ideia de Cosmopolitismo. Para compreender melhor estes desafios, mostra-se necessário revisar os principais pontos de definição do cosmopolitismo para o contexto da cidade de São Paulo.

Sobre a construção do paradigma cosmopolita nas cidades contemporâneas: há a exigência de esforços dos planejadores urbanos de ir de encontro ao “outro” e possibilitar o contato intercultural entre pessoas de diferentes realidades. Para que isso aconteça, é fundamental o respeito e o entendimento às minorias que representam a diversidade urbana. O Cosmopolitismo não deve ser feito “de cima para baixo”, mas sim “de baixo para cima”: é um fenômeno onde os principais atores de transformação social e criação de imaginários são minorias. Sem esta característica, o Cosmopolitismo Urbano transforma-se num movimento puramente econômico e imaginado para uma elite específica.

Dessa forma, apresenta-se cinco pontos essenciais para a construção de um Cosmopolitismo Urbano que respeite o projeto inicial de interação intercultural, quebra de preconceitos e conhecimento entre indivíduos:

- I) Legitimizar a existência das comunidades minoritárias (seja por identidades nacionais, de gênero, sexualidade ou raça) no espaço urbano;
- II) Criar um imaginário de diversidade que represente a cidade por meio de uma representatividade das vivências de seus habitantes e promover a acolhida numa forma de “apologia ao diverso”;
- III) Ir além dos benefícios políticos e econômicos e criar políticas de proteção à estas comunidades;
- IV) Efetivar e melhorar estas políticas com um canal de comunicação eficiente com os representantes da sociedade civil;

V) Ter capacidade de promover a liberdade e plena expressão dessas pessoas e das próximas gerações.

Considerando as principais políticas paulistanas e os imaginários recentemente criados, pode-se afirmar que há tentativas efetivas de legitimação dessas comunidades e da criação de um imaginário de diversidade, representadas nos pontos I e II. O processo III e IV, no entanto, são extremamente recentes e de difícil avaliação. A cidade conseguiu promover boas políticas de respeito ao migrante, ao negro e aos LGBT no ano de 2015, mas sua avaliação efetiva será feita apenas após a efetiva aplicação dessas políticas. O processo V, por sua vez, parece acontecer de fato graças à liberdade de expressão que os imaginários sociais brasileiros de cordialidade sempre apresentaram. É importante notar, no entanto, que não é um fato dado ou promovido pela ação dos agentes governamentais da cidade, mas sim da própria vivência brasileira. Continuando neste aspecto, é interessante como as entrevistas demonstraram a influência da liberdade e cordialidade brasileira para a cotidianidade dos imigrantes.

Sobre a vivência dos imigrantes na cidade de São Paulo: os perfis dos imigrantes apresentaram, em primeiro lugar, a integração graças à cordialidade e a facilidade de fazer amizade com os brasileiros, seja ela na possibilidade de constituir uma família e viver a força da cidade grande mestiça, na possibilidade de exercer suas atividades artísticas e realizar seus sonhos ou na vivência da sexualidade em liberdade.

A literatura sobre o Cosmopolitismo e os estudos até então feitos não apresentam as características históricas de mestiçagem e abertura ao diferente considerando as interações diárias. Uma das principais características, que também é sustentada por Sousa Santos (2010), seria a então “Epistemologia do Sul”. Os estudos acadêmicos orientados por uma base eurocêntrica e estadunidense não costumam considerar como elemento principal o que os imigrantes e a própria literatura do Pensamento Social Brasileiro definiria como a “mistura”, a “mestiçagem”, a “cordialidade”. Em outras palavras, o “jeitinho brasileiro” de sorriso fácil, acolhida rápida no primeiro momento de contato, curiosidade com o diferente, expressão e comunicação por meio do toque e do sorriso, são elementos fundamentais na interação dos imigrantes com os brasileiros e entre si.

Em segundo lugar, a própria característica de mestiçagem da população brasileira é um elemento importante para que os imigrantes se sintam à vontade. A paisagem diversa da população brasileira (de todas as cores e raças) é vista nos discursos de duas formas. A primeira pela sensação de “não ser diferente demais” dos outros e poder misturar rapidamente numa paisagem que já é suficientemente diversa e a segunda como uma possibilidade de efetivação da

participação neste universo diverso com a constituição familiar, possibilidade de participar de uma comunidade de sua cultura de origem e até mesmo contribuição artística para as próximas gerações em São Paulo.

Conclui-se, portanto, que a mestiçagem e a cordialidade parecem ser elementos principais de qualquer estudo que considere a diversidade no Brasil e também devem ser utilizadas de forma positiva para a efetivação das políticas de planejamento e imaginário urbano para a diversidade. A própria riqueza de constituição da população brasileira deve ser considerada como uma característica que naturalmente promove o cosmopolitismo. Para que isso seja entendido em maior profundidade, estudos mais delicados envolvendo outros grupos e métodos de abordagem devem ser promovidos considerando o contexto do Sul Global e dos estudos Pós-Coloniais sobre o Brasil.

Referências

HARVEY, D. **Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution.** London: Verso, 2012.

SASSEN, S. **The global city:** New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SOUSA SANTOS, B. **Descolonizar el saber, reinventar el poder.** Montevideo: Don Bosco, 2010.